

Israel na Cisjordânia



Por **PETER OBORNE***

Os colonos israelenses impuseram um reinado de terror. E são apoiados pelo exército de Israel

É a mesma história em todas as aldeias das colinas do sul de Hebron. Os colonos israelenses confiscam o gado, destroem tanques de água e painéis solares, demolem casas e oliveiras dos quais os agricultores palestinos dependem para a sua subsistência. Como as antigas tropas das SS nazistas, eles chegam sem avisar, armados com metralhadoras M16 - que costumam usar com imensa alegria -, espancam os aldeões com barras de ferro, com paus, com os punhos e com as coronhas das suas armas. Agrideam mulheres e idosos. Entram nas casas palestinas, arrancando utensílios e acessórios, roubando dinheiro, destruindo papéis, derrubando móveis. Atiram para matar. Muitos usam uniformes militares. Eles impuseram um reinado de terror. E são apoiados pelo exército de Israel.

A sua mensagem aos palestinos é sempre a mesma: saiam ou serão mortos. E enquanto os colonos estão armados e atuam impunemente, os palestinos ficam indefesos.

Acompanhado por um guia, cheguei no início de uma tarde à comunidade agrícola de She'b Al-Butom, de 300 habitantes. Dali pode-se ver o assentamento israelense vizinho de Avigay. Dois "postos avançados" de Avigay controlam tanto essa aldeia quanto a vizinha, Mitzbeh. Estão ambos cercados. A aldeia sitiada está situada no final de uma longa trilha pedregosa, que quase venceu nosso carro de tração nas quatro rodas. Fui recebido por uma criança traumatizada que fez uma careta. Ela tinha medo de estranhos, depois do que testemunhou nas últimas semanas.

Um grupo de agricultores serviu-nos chá. Disseram que pouco depois do dia 7 de outubro quatro colonos armados entraram na aldeia, causando pequenos danos e partiram. Durante alguns dias, os colonos concentraram-se em propriedades periféricas, demolindo casas e destruindo edificações agrícolas, obrigando os habitantes a fugir. Três dias depois, os colonos, todos vestindo uniformes militares, retornaram. Desta vez, espancaram vários aldeões e saquearam suas antigas casas construídas com barro. Na noite de sexta-feira passada eles voltaram e atacaram os aldeões de novo, incluindo um homem de 72 anos. Cada vez que os colonos chegam, eles dizem aos aldeões para irem embora.

O agricultor local Khalid Jibril relatou: "Eles apontaram uma arma para a minha mulher, bateram-me, roubaram o meu telefone e apontaram armas para as crianças". Jibril, que usa um *keffiyeh* na cabeça, acrescentou: "basta mencionar os soldados para as crianças que elas começam a tremer".

Repetição da Nakba

Para os palestinos, isso tudo parece uma repetição da Nakba de 1948, quando 750 mil pessoas foram expulsas das suas casas, para nunca mais regressarem. Como hoje, eles foram forçados a sair em meio à violência massiva.

Quando saímos das colinas do sul de Hebron, os colonos já estavam impondo prazos. Em Um Al-Khair, uma pequena aldeia flanqueada por todos os lados por colonos israelenses, disseram aos aldeões que deveriam hastear uma bandeira de Israel até às 19 horas da noite anterior, ou enfrentariam a destruição. No dia anterior, os colonos tinham incendiado a casa de um agricultor. Quando as vítimas chamaram a polícia, disseram-lhes: “vocês são mentirosos e vamos prendê-los”.

Nas proximidades de Tuwani, os moradores foram instruídos a partir. “Vão para a cidade!” — dizem os colonos israelenses. O patriarca local, Hafez Hureini, reagiu: “Não, nunca. Nada me fará sair da minha casa”.

Algumas aldeias já cederam à pressão. A comunidade de 250 pessoas de Khirbet Zanufah, nas colinas do sul de Hebron teve que fugir. De acordo com o grupo israelita de direitos humanos B’Tselem, 13 comunidades de pastores foram evacuadas no último mês.

Os ocupantes israelenses estão trabalhando de acordo com um plano e não há nada de secreto nisso.

Partidos de extrema direita

No final do ano passado, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, salvou sua pele ao formar uma coligação com dois partidos políticos de extrema-direita. O primeiro foi *Otzma Yehudit* (“Poder Judaico”), liderado por Itamar Ben Gvir, um racista declarado que, ao embarcar na carreira política em 2020, pendurou em seu gabinete um retrato de Baruch Goldstein — o assassino em massa que executou o massacre de 29 palestinos em 1994 na Mesquita Ibrahim, em Hebron.

Ben Gvir está agora encarregado do policiamento da Cisjordânia, como ministro da Segurança Nacional de Benjamin Netanyahu, posição por meio da qual providenciou a distribuição de fuzis de assalto às “equipes de segurança civil”. Quando pode, ele supervisiona pessoalmente a distribuição.

Benjamin Netanyahu também abraçou o Partido Religioso Sionista, liderado pelo incendiário de extrema direita Bezalel Smotrich. Ele deu a Bezalel Smotrich o cobiçado cargo de ministro das finanças, mas Bezalel Smotrich buscou um prêmio ainda mais significativo. A cláusula 21 do acordo da coligação de dezembro passado atribuiu a Bezalel Smotrich “total responsabilidade” sobre a Área C da Cisjordânia.

A Área C é mantida sob controle militar e civil israelense, de acordo com o Acordo de Oslo, de 1993. Isso abrange cerca de 60% da área terrestre da Cisjordânia, incluindo as aldeias isoladas nas colinas do sul de Hebron. Aproximadamente 350 mil palestinos vivem na Área C, juntamente com 500 mil colonos israelenses. Estes últimos, nos termos daquele Acordo e do direito internacional, são completamente ilegais.

O acordo da coligação fez nominalmente de Bezalel Smotrich — que [descreve a si mesmo](#) como um “homófobo fascista” — o comandante da chamada “administração civil” da Cisjordânia.

Direito militar

“Administração civil” é, da sua parte, um termo orwelliano. Enquanto os colonos ilegais israelenses gozam de plenos direitos como cidadãos, os palestinos são governados pela lei militar israelense. Na melhor das hipóteses, estão sujeitos a julgamentos arbitrários, feitos pelas autoridades militares de Israel. No entanto, com Bezalel Smotrich no comando, tal como num gueto nazista, passaram a não ter quaisquer direitos.

A “administração civil” dirigida por Bezalel Smotrich outorga-lhe o controle total sobre quase todos os aspectos da vida palestina. Bezalel Smotrich e Ben Gvir têm a Cisjordânia como seu *playground*. Seus planos nunca foram secretos. Eles

estão definidos de forma bastante explícita nos princípios fundadores do acordo de coligação do atual governo, que afirma que “o povo judeu tem o direito exclusivo e indiscutível a todas as partes da terra de Israel”. Em outras palavras, isso significa a anexação cabal da Cisjordânia ocupada, contrariando até mesmo as posições britânicas e americanas de apoio a uma “solução de dois Estados”.

Muito antes de 7 de outubro, Ben Gvir e Bezalel Smotrich, já tinham defendido o “extermínio” da cidade palestina de Howara, local onde os colonos israelenses realizaram um *pogrom* contra os palestinos e operaram incansavelmente para pôr aquelas ideias em prática. Agora, a posição de ambos lhes permite patrocinar um ataque em grande escala dos colonos. Mais uma vez, a mensagem aos palestinos é simples: saiam ou morrerão.

“Espere pela grande Nakba”

Os residentes da aldeia de Deir Istiya, na Cisjordânia, receberam cartas de advertência afirmando: “vocês queriam a guerra, agora esperem pela grande Nakba”. A isso se acrescia a ordem para que fugissem para a Jordânia.

Viajei de ônibus até esta vila, nas colinas acima da antiga cidade palestina de Nablus, para encontrar Faraz Diab, chefe do município. Ele me contou que um grupo da rede Telegram chamado “caçadores de nazistas” está fazendo circular ameaçadoramente seus dados, incluindo sua foto. “Eles deveriam ser presos”, diz ele, mas há poucas chances de isso acontecer.

A agência humanitária da ONU, OCHA, declarou em 6 de novembro que, desde 7 de outubro, 147 palestinos, incluindo 44 crianças, foram mortos pelas forças militares israelenses na Cisjordânia (ou seja, fora de Gaza), com mais oito, incluindo uma criança, mortos por colonos. Acrescenta: “Desde 7 de outubro, pelo menos 111 famílias palestinas, compreendendo 905 pessoas, incluindo 356 crianças, foram deslocadas, por força da violência dos colonos israelenses e das restrições de acesso”.

“Você tem que sair!”

Além da tragédia humana, este é um desastre global. Agricultores, pastores e tribos beduínas nômades vivem nas colinas e vales escarpados da Cisjordânia desde tempos imemoriais. Eles estão ali desde muito antes que quaisquer israelenses, sobretudo os importados dos últimos 50 anos. Se forem forçados a abandonar seu antigo modo de vida, sua história, literatura e canções irão embora com ele. Seus meios de subsistência baseiam-se na terra e no ciclo anual, à medida que os pastores passam das pastagens de verão nas colinas para as pastagens de inverno no agora fechado Vale do Jordão.

Muitos não irão. Na sexta-feira passada, diz Khalid Jibril, os colonos emitiram um ultimato. “Você deve ir embora, ou vamos matá-lo. E mataremos seus filhos também, tal como fizemos com as crianças de Gaza”.

Khalid Jibril já foi espancado pelos colonos israelenses. Ele lhes disse: “nossos filhos não são diferentes das crianças de Gaza. Se é isso que querem, [venham e façam](#)! Nós não vamos sair”.

Para o movimento de colonos de Israel, com as Forças de Defesa Israelenses (FDI) ao seu lado, este é o seu momento. A transferência forçada de um povo ocupado é um crime de guerra, mas não consigo encontrar mais que o habitual “apelo” a Israel, por parte do governo do Reino Unido, para “responsabilizar os culpados”.

Esse silêncio é interessante. Em tempos normais, Diane Corner, a cônsul geral britânica em Jerusalém, emite condenações fortes, mesmo que impotentes, à violência dos colonos. Mas à medida que os ataques começaram a se transformar num reinado de terror em toda a Cisjordânia, ela passou a não ter mais nada a dizer.

a terra é redonda

Busquei contato com a Sra. Diane Corner através do Twitter, explicando que estava preparando uma matéria sobre as atrocidades dos colonos, incluindo transferências forçadas, em toda a Cisjordânia. Também é notável que, em tempos normais, o cônsul britânico tem sido rápido em condenar tais atrocidades. Perguntei-lhe por que ela havia ficado em silêncio. Enquanto o *Declassified UK* preparava este artigo para publicação, não houve qualquer resposta. Na ausência dela, imagino que Diana Corner, uma mulher decente e bem informada, recebeu ordens de manter a boca fechada, dadas por um governo britânico que prometeu seu apoio “inequívoco” ao Israel de Benjamin Netanyahu.

*Peter Oborne é jornalista. Autor, entre outros livros, de *The assault on truth: Boris Johnson and the emergence of a new moral barbarism* (Simon & Schuster). [<https://amzn.to/3QzbF8m>]

Tradução: **Ricardo Cavalcanti-Schiel.**

Publicado originalmente no portal [Declassified UK](https://declassified.uk).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[**CONTRIBUA**](#)